ISSN: 2358-8829

ENTRE TRAÇOS E RESISTÊNCIAS: REFLEXÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA NEGRA A PARTIR DA PRODUÇÃO DE FANZINES ESCOLARES

Joyce de Araújo Fonseca [1]
Jussara Natália Moreira Belém de Melo [2]

INTRODUÇÃO

O racismo representa um fenômeno histórico e estrutural que molda de maneira profunda as desigualdades na sociedade. As suas manifestações dificilmente se limitam apenas em agressões físicas ou verbais, ao contrário, manifestam-se de maneira velada por meio de comentários, sutis piadas naturalizadas, micro agressões e barreiras socioeconômicas que condicionam e limitam as trajetórias da população negra. Diante dessa realidade debater as relações étnico-raciais deixa de ser uma pauta opcional e passa a ser uma urgência social que recai sobre os mais diversos espaços de socialização, sendo a instituição escolar um cenário central nesse debate, cabendo à escola assumir um papel ativo nos processos formativos, desconstruindo os diversos tipos de preconceito e promovendo desta forma uma educação emancipatória.

No cotidiano da sala de aula, falar sobre a Consciência Negra vai muito além de datas comemorativas ou de eventos isolados é preciso criar um espaço constante de reflexão sobre a história, a identidade e as lutas da população negra, questionando o preconceito que foi sofrido e que está presente no cotidiano. Para envolver os estudantes e aprofundar esse debate o uso de ferramentas pedagógicas criativas é fundamental, é nesse contexto que o fanzine se destaca como um recurso pedagógico e expressivo, onde ao misturar textos, desenhos, recortes e símbolos o fanzine permite que os alunos consigam expressar o que pensam de maneira livre, tornando-se protagonistas na construção do conhecimento.

[1] Graduanda do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, joyce.f@aluno.uepb.edu.br;
[2] Professora orientadora: doutora em educação, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, jussara26@servidor.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

Partindo desse contexto este artigo tem como objetivo analisar uma intervenção pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da produção de fanzines sobre o racismo com estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Joffily (CAIC), em Campina Grande-PB. A atividade ocorreu no dia 18 de novembro de 2025, envolvendo a criação coletiva de materiais visuais e textuais por turmas integradas por meio de sorteio com pulseiras coloridas, em seguida pela exposição voluntária dos fanzines no pátio escolar, a partir da análise dos materiais os resultados apontam que os alunos abordam temas centrais, como a igualdade, a resistência política e a valorização da identidade negra, utilizando desenhos, símbolos e frases de impacto. Desse modo, fica perceptível que, embora uma prática pontual não supere integralmente as discriminações históricas, a confecção do fanzine escolar sobressai-se enquanto recurso pedagógico extremamente relevante. Essa estratégia demonstra potencial para instigar a participação ativa dos alunos e aprofundar debates reflexivos acerca das pautas étnico-raciais na escola.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho constitui-se em um relato de experiência pedagógica realizada no contexto do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). A intervenção ocorreu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Joffily (CAIC), situada no bairro das Malvinas em Campina Grande, Paraíba. A atividade ocorreu dia 18 de novembro de 2025, durante as ações alusivas ao dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, envolvendo diretamente os alunos do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio.

A atividade foi dividida em dois momentos principais. No primeiro momento, os alunos participaram de uma palestra explicativa sobre a importância e o significado do Dia da Consciência Negra, refletindo sobre o racismo, a valorização da identidade Negra e o combate ao preconceito na escola, no segundo momento para colocar as ideias em práticas os alunos foram organizados por meio de um sorteio com pulseiras coloridas, recurso utilizado para integrar turmas e séries diferentes. A partir dessa conversa inicial cada estudante produziu o seu fanzine de forma individual, utilizando recortes, desenhos e símbolos para expressar sua visão sobre a temática abordada.

ISSN: 2358-8829

Ao término da confecção, alguns estudantes voluntariamente expuseram os materiais no pátio da escola, compartilhando a produção com os alunos das outros turmas, como não houve um acompanhamento direto dessas interações do pátio a análise desse artigo concentra-se estritamente nos elementos visuais e textuais registrados nos fanzines recolhidos, dessa maneira a interpretação buscou relacionar as mensagens identificadas aos debates sobre racismo, identidade e resistência, ressaltando que a pesquisa não tem a pretensão de medir opiniões prévias dos alunos, ou testar mudanças definitivas de comportamento mas sim examinar o potencial pedagógico do recurso utilizado .

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre a consciência negra no ambiente escolar existe muito mais do que apenas repassar datas comemorativas ou abordar o tema de forma pontual no calendário institucional. É indispensável e urgente construir um trabalho contínuo e verdadeiramente empenhado que reconheça a história, a cultura e a resistência da população negra na formação social, econômica e também política do Brasil. No cotidiano da sala de aula e nos corredores da escola, o racismo raramente vai se apresentar apenas por meio de episódios como agressões físicas explícitas, ou injúrias veiculadas de confronto aberto, predominantemente, o racismo manifesta-se de maneira sutil, camuflado por piadas naturalizadas no cotidiano, brincadeiras pejorativas, comentários depreciativos e pequenas condutas diárias que ferem gravemente a integridade psíquica e também a dignidade dos estudantes negros.

Essas formas diárias e muitas vezes invisíveis de racismo são frequentemente tratadas na escola como "piadas inocentes" ou "brincadeiras normais de adolescente". No entanto, a verdade é que elas deixam marcas emocionais e psicológicas muito profundas, que podem durar para a vida toda. Quando o racismo é ignorado, silenciado ou deixado de lado sem que haja uma verdadeira intervenção pedagógica antirracista por parte dos professores, o impacto é devastador. O estudante atingido deixa de ver a escola como um lugar seguro, que deveria servir para acolher, apoiar e ajudar no seu crescimento. Em vez disso, o ambiente escolar passa a ser percebido como um espaço hostil, cheio de vigilância, medo e constrangimento. Esse sentimento constante de não pertencer prejudica diretamente a construção da identidade desses jovens. Como

consequência, cria-se um bloqueio emocional que afeta a forma como eles se relacionam com os colegas, como conversam com os professores e, principalmente, prejudica o seu rendimento e o seu próprio processo de aprendizagem.

Para entender como o racismo silencioso, na chamada violência simbólica, realmente marca a vida de alguém, os livros de memórias são ferramentas indispensáveis. O relato da atriz Viola Davis (2024) mostra perfeitamente isso. Ela expõe como o preconceito sofrido na infância, dentro da escola, vai muito além da dor daquele momento, uma agressão que, ao destruir o sentimento de acolhimento do estudante, estabelece barreiras no aprendizado e resulta no desinteresse escolar, conforme ilustrado a seguir:

> Eles me jogaram na neve e a chutaram em mim. Meu braço se retesou. Estava doendo. Fui andando para casa, completamente humilhada. No dia seguinte nao queria ir a escola. Minha mae estava lavando roupa em uma daquelas velhas maquinas de lavar manuais em que era necessario puxar as roupas por um espremedor. (DAVIS, 2024, p. 15).

Quando Viola Davis descreve a dor física misturada à humilhação e à vontade de não ir à escola no dia seguinte, ela mostra como o racismo destrói a segurança que qualquer estudante precisa para aprender. A escola deixa de ser um lugar seguro quando o preconceito não encontra uma barreira firme por parte da instituição. No Brasil, essa mesma lógica acontece nas escolas públicas quando apelidos racistas, exclusões em trabalhos em grupo e preconceitos com o cabelo e a aparência são tratados como "brincadeira" ou ignorados. Isso acaba empurrando esses estudantes para o isolamento, a timidez e o desinteresse pelas aulas.

O impacto disso vai muito além de notas baixas ou do abandono escolar, a convivência diária com o preconceito disfarçado destrói a autoestima e a forma como o jovem se enxerga. Na adolescência, quando fazer parte de um grupo e ser aceito pelos colegas é fundamental para construir a identidade, a imposição de padrões de beleza eurocêntricos ataca diretamente os corpos e os traços negros. Quando a sociedade associa a negritude ao feio ou ao estranho, o estudante é forçado a passar por um processo doloroso de rejeição da própria identidade e da sua ancestralidade.

A gravidade dessa agressão invisível podem ser apreendidos quando Viola Davis (2024) resgata as memórias de sua infância, expondo o momento em que a marca do preconceito atingiu diretamente o núcleo de sua estima individual e seu senso de valor social:

ISSN: 2358-8829

> — Viola, quem é você?
> [...] Quem sou eu? Fiquei calada, e mais uma vez aquela memória indestrutível me atingiu. Então despejei tudo:
> — Sou a garotinha que corria para casa todo dia no terceiro ano por que uns garotos me odiavam por eu... não ser bonita. Por eu ser... negra. (DAVIS, 2024, p. 16).

Esse relato emocionante mostra o lado mais cruel do racismo: o poder de tirar de uma criança o direito básico de gostar de si mesma. Quando se associa o fato de ser negra a não ser bonita, fica claro como os padrões de beleza da sociedade entram na cabeça das pessoas desde muito cedo. Por isso, qualquer projeto na escola que queira construir relações mais justas precisa ir além de simplesmente cumprir o currículo. É necessário valorizar de verdade a negritude, os corpos, os cabelos crespos e a história afro-brasileira, criando um espaço onde os jovens se sintam seguros para descobrir quem são, sem medo ou vergonha.

Contudo, para uma educação antirracista funcionar de verdade, a sociologia não pode olhar apenas para a dor de quem sofre o preconceito. Precisamos encarar o outro lado dessa moeda que é o papel da branquitude. No Brasil, o jeito de viver, os valores e a estética das pessoas brancas costumam ser vistos como o "normal", o padrão universal de ser humano, enquanto negros e indígenas são tratados como "as minorias" ou exceções à regra. Esse silêncio sobre o que significa ser branco é uma forma muito eficiente de manter privilégios históricos sem que ninguém precise falar sobre eles.

A dinâmica do privilégio e a autopercepção da branquitude no quotidiano social e laboral são eixos centrais na pesquisa da socióloga Cida Bento (2022). Ao investigar as assimetrias na forma como negros e brancos percebem a própria pertença racial, a autora questiona:

> [...] "O que significa ser uma pessoa negra ou branca no Brasil?".
> As negras frequentemente reconheciam que havia uma diferença no tratamento que a sociedade lhes dispensava, mas as brancas respondiam: "Ser branca significa ser uma pessoa como outra qualquer! Significa ser humano". Pelas respostas era possível perceber que as brancas não se pensavam como brancas, mas sim como um ser humano universal. (BENTO, 2022, p. 91).

As constatações apresentadas por Cida Bento revelam a própria essência das assimetrias raciais: enquanto ao indivíduo negro é imposta uma constante consciência da sua identidade étnico-racial por meio de limitações cotidianas, atitudes veladas de suspeição e disparidades estruturais, a população branca desfruta da prerrogativa de sequer problematizar o seu pertencimento racial. Ao conceber a si própria como a personificação do ser humano universal, a branquitude invisibiliza o debate em torno

dos privilégios acumulados ao longo do processo histórico, além de desqualificar as demandas legítimas por equidade e reparações sociais.

A engrenagem institucional que converte disparidades socioeconómicas em narrativas de 'mérito individual' ou 'aptidões naturais' é problematizada por Gustavo Cravo de Azevedo, Paula Britto Agliardi e Sara Esther Dias Zarucki Tabac (2019). Segundo os autores, a escola atua legitimando desigualdades ao disfarçá-las de conquistas pessoais:

> A escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. Ela parece ser neutra e justifica as aptidões como “dons” e “mérito”, como naturais e acaba transformando as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, legitimando a herança cultural. Quando alguns indivíduos conseguem o sucesso escolar, esse sistema acaba por se legitimar e valorizar a escola que proporcionou isso. (AZEVEDO; AGLIARDI; TABAC, 2019, p. 21).

Diante deste cenário de reprodução de privilégios e silenciamentos históricos no espaço escolar, a oficina de fanzines consolida-se como um potente instrumento de ruptura pedagógica. Ao articular a fundamentação teórica exposta na palestra com a posterior execução oficial, manual e autoral dos estudantes, a proposta fomenta canais autênticos de expressão e acolhimento. Através da colagem, do desenho e da escrita livre, os conceitos abstratos discutidos ganham contornos práticos e ligados à realidade local. Neles, os jovens descentralizam-se da passividade tradicional da sala de aula, avaliam criticamente as opressões e violências simbólicas do quotidiano e assumem, de forma efetiva, o protagonismo no debate urgente sobre as relações étnico-raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados desta ação evidenciam que a escola assume a sua dimensão verdadeiramente democrática apenas quando estabelece canais efetivos de expressão e criação para os estudantes. Ficou manifesto ao longo do processo que o racismo e a violência simbólica permanecem a afetar profundamente o quotidiano escolar, comprometendo a autoestima e a permanência dos alunos negros. Não obstante, a inclusão do debate acerca da branquitude e das desigualdades estruturais no foco das reflexões permitiu desconstruir privilégios e problematizar a suposta neutralidade ou meritocracia no ambiente educativo.

ISSN: 2358-8829

Neste âmbito, a oficina de fanzines revelou-se uma estratégia pedagógica francamente bem-sucedida, articulando a teoria sociológica com a vivência dos alunos da Escola Estadual José Joffily. As produções estudantis compostas por ilustrações e manifestações de resistência demonstraram o papel ativo da juventude perante as injustiças. Quando providos de recursos e autonomia, os alunos revelam-se capazes de formular denúncias consistentes, enaltecer a sua ancestralidade e propor relações pautadas pelo respeito genuíno à diversidade.

Por isso, vale reforçar que combater o racismo e a violência sutil na escola não pode ser algo reduzido a momentos isolados ou a uma simples obrigação para cumprir o calendário letivo em novembro. É claro que uma única oficina não vai mudar sozinha as raízes de um preconceito que é histórico e estrutural na sociedade. No entanto, uma atividade como essa tem uma força enorme porque planta sementes essenciais de questionamento, autonomia e senso crítico na cabeça dos estudantes, mostrando que eles podem e devem contestar as desigualdades. Ao dar visibilidade às produções e permitir que o debate ocupe espaços coletivos como o pátio, a escola cria novas redes de diálogo entre os próprios jovens. O verdadeiro desafio que se apresenta para o dia a dia da escola pública é transformar essas práticas criativas e manuais em ações contínuas e transversais em todas as disciplinas, garantindo que a sala de aula se transforme de forma definitiva em um território seguro de acolhimento, liberdade e afirmação da identidade de cada jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção prática desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) evidenciou de forma contundente que a articulação entre rodas de conversa horizontais e a produção livre de fanzines constitui uma metodologia de mediação pedagógica altamente eficaz para o ambiente escolar contemporâneo. Esta abordagem metodológica superou os limites tradicionais da mera transmissão passiva de conteúdos teóricos, convertendo-se num espaço dinâmico, dialógico e interativo para a discussão aprofundada da Consciência Negra e das complexas relações étnico-raciais com estudantes do Ensino Médio. Os materiais textuais e visuais produzidos no CAIC José Joffily demonstraram que a juventude das escolas públicas possui uma percepção crítica aguçada, madura e extremamente sensível acerca das assimetrias sociais. Longe de ocuparem uma postura de espectadores

ISSN: 2358-8829

passivos perante as dinâmicas sociais, os discentes identificaram com clareza os mecanismos do racismo estrutural que molda as interações quotidianas, denunciaram as injustiças históricas acumuladas e elaboraram propostas reflexivas de transformação por meio de uma linguagem escrita e visual autêntica, inteiramente vinculada às suas realidades vividas.

Ademais, a flexibilidade estrutural intrínseca ao fanzine, caracterizada pela ausência de regras estéticas rígidas e pelo estímulo direto ao trabalho manual de colagem, recorte e desenho, restituiu aos estudantes a sua agência e o papel central na coprodução do conhecimento. Ao transpor conceitos abstratos e complexos da teoria sociológica para o plano das ilustrações, das frases de impacto e das manifestações afetivas, os jovens resgataram a sua própria autoestima e valorizaram a sua ancestralidade afro-brasileira de forma autónoma. Paralelamente, a estratégia de integração das turmas por meio do sorteio de pulseiras coloridas provou ser um recurso de socialização relevante, pois diluiu as barreiras geracionais e hierárquicas que frequentemente isolam as diferentes séries escolares no quotidiano, propiciando um rico intercâmbio de experiências subjetivas entre discentes de diversas idades. A culminância do projeto no pátio da escola estendeu o impacto pedagógico das discussões para além das fronteiras físicas da sala de aula, dinamizando a rotina da comunidade escolar e consolidando o colégio como um território vivo de debate coletivo, respeito mútuo e enfrentamento dos preconceitos.

Em suma, as evidências empíricas deste relato de experiência reiteram que as ações de combate ao racismo e à violência simbólica na educação não podem, sob hipótese alguma, ser confinadas a efemérides pontuais, palestras anuais padronizadas ou meras obrigações burocráticas do calendário letivo durante o mês de novembro. Torna-se imperativo e urgente que a escola pública incorpore de maneira permanente, contínua e transversal propostas pedagógicas contra hegemônicas que reconheçam e valorizem a história, a cultura e a resiliência da população negra em todas as áreas do conhecimento. Embora uma intervenção isolada não tenha o poder de eliminar sozinha as raízes estruturais do preconceito na sociedade, ela atua de forma crucial ao plantar sementes de autonomia, criticidade e contestação entre os estudantes. Garantir um ambiente de sala de aula genuinamente seguro, plural e comprometido com a justiça social é um requisito indispensável e inegociável para a construção de uma sociedade de

facto democrática, na qual nenhum jovem seja constrangido, silenciado ou marginalizado pela sua identidade étnico-racial.

Palavras-chave: Educação antirracista; Fanzine escolar, Consciência Negra, PIBID.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de iniciação à docência, e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela oportunidade de formação prática e apoio no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também à Escola Estadual José Joffily (CAIC) pela acolhida, espaço e parceria de toda a equipe e estudantes na realização da oficina.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gustavo Cravo de; AGLIARDI, Paula Britto; TABAC, Sara Esther Dias Zarucki. A Sociologia da Educação e alguns caminhos para a pesquisa contemporânea: a escola desigual e a escola democrática. In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Sociologia e Educação:** debates necessários. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2019. p. 13-37.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DAVIS, Viola. **Em busca de mim.** Tradução de Karine Ribeiro. 11. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.